



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	As Peles da Mulher: Narração, sexualidade feminina e construção identitária em Angela Carter
Autor	LUIZA DE MELO MONTEIRO
Orientador	ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

Em 1979, a inglesa Angela Carter publica *The Bloody Chamber*, livro de contos que relê contos de fadas e busca neles conteúdos latentes tendo em vista o lugar e papel da mulher dentro das histórias. Em um desses contos de fadas revisitado, “The Tiger’s Bride”, a autora dialoga com “A Bela e a Fera” e, desse modo, resgata um legado que remete às chamadas *conteuses*, as autoras de contos de fadas da corte francesa do século XVII, entre as quais podemos encontrar as duas mais conhecidas autoras de “A Bela e a Fera”, a saber, Mme Leprince de Beaumont e Mme. De Villeneuve. A pesquisa se propõe a compreender a formação de uma identidade feminina e de um lugar de sujeito da mulher, dentro do conto – com a busca da protagonista rumo à libertação pelo desejo – e fora dele, nas relações identitárias estabelecidas entre Carter, uma autora feminista *sex-positive* de segunda onda, e a herança das *conteuses*, aristocratas profeministas preocupadas com o espaço da mulher na literatura e com a igualdade entre os sexos nas relações amorosas.

A pesquisa foi conduzida, num primeiro momento, a partir da leitura sistematizada de “The Tiger’s Bride” e dos contos de fada de Mme. Leprince de Beaumont e Mme. de Villeneuve. Em seguida, foi realizado um levantamento de *corpus* teórico, com obras de especialistas no trabalho de Angela Carter, autores que desvendam as implicações políticas, sociais e psíquicas de contos de fada, filósofos e feministas. Na fase seguinte do trabalho, a leitura do *corpus* conduziu a um refinamento no processo de análise do conto. Atualmente, o foco da pesquisa é a produção de um artigo científico divulgando os resultados encontrados.

Em “The Tiger’s Bride”, a heroína e narradora é apostada pelo pai num jogo de cartas contra o misterioso Milorde, uma criatura que esconde sua forma real (desconhecida por ela) atrás de máscara, peruca, roupas, luvas e botas de um aristocrata. Levada ao castelo do Milorde, servida apenas por animais e autômatos, negociando as fronteiras do exercício da sua sexualidade, a protagonista começa a tomar consciência do lugar desumanizado que seu papel de mulher lhe dá na sociedade patriarcal – lugar que ela compartilha com as criaturas no castelo e com o estranho Milorde. Desafiada a contemplar o Milorde nu, ela descobre que ele sempre fora de fato um tigre, e, fascinada, despe-se diante dele. No abraço amoroso entre os dois, a jovem finaliza sua transformação em uma tigresa, o castelo desmorona e os brincos de diamante que ela possuía se transformam em gotas d’água.

O exercício das *conteuses* se calcava na afirmação de um lugar autoral feminino na literatura dos *salons*, no questionamento dos lugares de gênero dentro do casamento, e da proposição da igualdade entre os sexos como a única possibilidade de encontros amorosos satisfatórios para homens e mulheres. No tempo de Angela Carter, as mulheres mais uma vez voltaram seu olhar para as dinâmicas amorosas e sexuais, dessa vez fora da esfera do casamento. O feminismo de segunda onda foi marcado por uma cisão na busca de uma resposta para a pergunta: numa sociedade que oprime sistematicamente a mulher, é possível que mulheres e homens possam ter entre si relacionamentos sexuais livres e que a satisfaçam?

Para as chamadas feministas radicais, ou feministas *anti-porn*, a resposta era não. Dada a condição da mulher de vítima de violência simbólica, que apaga a agência da mulher sobre sua sexualidade, o exercício sexual entre homens e mulheres sempre carregaria consigo um elemento de coerção. Para Angela Carter e as *sex-positive*, no entanto, a resposta era sim, e a chave para tal possibilidade era, justamente, a *troca de peles* ocasionada pelo desejo feminino, que por si só transforma o que seria um espaço de opressão e violência num lugar que permita o exercício do afeto e da sexualidade. Frente a sua posição social de exiladas, as mulheres-monstros carterianas precisam transformar sua marginalidade em uma espécie de retiro voluntário, que siga suas próprias regras, ou ser aniquiladas diante da pressão de “tornar-se humanas” ao se encaixar numa “humanidade” masculina que, desde sua concepção, as rejeita.